

CARINA RISSI

*Quando a noite cai*

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS  
EDITORA

**Editora executiva:** Raissa Castro  
**Coordenação editorial:** Ana Paula Gomes  
**Copidesque:** Lígia Alves  
**Revisão:** Cleide Salme  
**Capa e projeto gráfico:** André S. Tavares da Silva  
**Foto da capa:** © Buffy Cooper / Trevillion Images

ISBN: 978-85-7686-580-3

Copyright © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753  
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

R482q

Rissi, Carina

Quando a noite cai / Carina Rissi. -- 1. ed. -- Campinas, SP :  
Verus, 2017.  
23 cm.

ISBN 978-85-7686-580-3

1. Romance brasileiro. I. Título.

17-41048

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

---

# 1

*Esão posso perder este emprego. Esão posso perder este emprego!*  
Não de novo!, eu mentalizava enquanto espiava pelo visor redondo da porta preta que separava a cozinha do pequeno salão do restaurante Pappadore. Papa Arnaldo falava com aquele executivo, e o rosto do meu chefe não parecia muito feliz — nem o do executivo, sobretudo quando a bolota gosmenta pendurada em sua orelha tremulou e caiu, escorrendo na lapela do terno caro.

Ok. Talvez eu não fosse demitida. Tentei ser otimista. Qualquer um podia deixar o parmesão cair dentro do molho. Era pura física! Todos os corpos que possuem massa sofrem atração entre si. E havia muita massa no prato coberto de molho pesto, logo o queijo deve ter se sentido irresistivelmente atraído por ela e voou da minha mão. A culpa não era minha se a gosma decidira espirrar em todas as direções e sujar o terno bem cortado do executivo, além do vestido chique da sua namorada. Se havia alguém a ser culpado, esse alguém era Isaac Newton!

Eu só não tinha certeza se Papa Arnaldo se lembraria da lei da gravidade naquele momento, com o cliente esbravejando sobre como estava ultrajado diante da minha falta de jeito e que jamais voltaria a pôr os pés naquele restaurante.

Soltei um suspiro, arriando os ombros. Era melhor juntar minhas coisas.

Tem dias em que tudo dá tão errado que a pessoa se pega pensando que não deveria ter saído da cama nem para ir ao banheiro, só para evitar que, sei lá, quando fosse acionar a descarga acidentalmente quebrassem alguma coisa e a casa se transformasse em uma enorme piscina.

*Deve ser legal ser essa pessoa*, pensei, me afastando da porta, desanimada. Ter apenas *um* dia ruim, ao contrário do que acontecia comigo, que vivia uma catástrofe todo santo dia.

O fato é que eu estava constantemente alerta, tentando prever o próximo desastre, mas, por mais que me esforçasse e executasse cada movimento com atenção calculada, alguma coisa sempre dava errado. Uma espécie de maldição que começou no meu aniversário de dezoito anos. Na mesma época em que os sonhos começaram. Não que uma coisa estivesse relacionada a outra. Bom, eu achava que não. Ao contrário de minha irmã caçula, que estava certa de que o “cosmo” queria me dizer alguma coisa. Se bem que Aisla também acreditava em fadas, duendes, unicórnios, nos descontos da Black Friday e em promessas de políticos, então ela não contava.

Talvez porque eu estivesse pensando nela, meu celular apitou com uma mensagem de Aisla. Na verdade, uma foto da minha irmã dois anos mais nova mostrando a língua e fazendo um V com os dedos, dentro de um provador.

Ah, maravilha.

Antes que eu pudesse responder, ela me ligou.

— Briiiiiiiii — foi dizendo. — Você viu? Não é a saia mais perfeita da história das saias perfeitas? Eu amei as contas e os bordados na barra. Ficou in-crí-vel em mim, não ficou?

— Você comprou? — eu quis saber, alarmada.

— Ainda não. Queria saber a sua opinião.

Soltei o ar com força. Eu odiava ter que bancar a “corta onda”, mas a situação em casa estava mesmo complicada. Desde a morte de papai, oito anos antes, as coisas ficaram difíceis para a nossa família, e mamãe fazia o que podia. Que não era o bastante. Ela precisou hipotecar a pensão para continuar cuidando do lugar, um paradoxo que não tinha chance de funcionar. Mamãe e Aisla administravam o negócio da família enquanto eu me aventurava — ou deveria dizer explodia? — no mundo lá fora, numa tentativa de conseguir alguma grana e não perder a única coisa que tínhamos na vida. Aisla, no entanto, vivia em outro mundo, um que era colorido e bonito e no qual dinheiro simplesmente brotava na conta.

— Aisla, eu quero que você tire essa saia, coloque de volta na arara e se afaste da loja devagar.

— Mas, Briana, eu gostei tanto dela! — choramingou, e eu quase pude ver sua carinha de filhote que caiu da mudança. — A mamãe disse que eu podia!

— A mamãe sabe que o seu cartão está estourado? E que você teve que parcelar a dívida no mês passado?

— Não — murmurou, emburrada. — Mas eu pensei em fazer o cartão da loja. A saia é tão baratinha! Eu posso parcelar em dez vezes. Vai sair, tipo, mais barato que um salgado.

Fechei os olhos, inspirando fundo para não gritar.

— Aisla, a hipoteca da pensão tá vencida e nós temos que arrumar o dinheiro da prestação antes que a próxima parcela vença, senão vamos ser despejadas. Vamos perder não apenas o nosso teto, mas a fonte de renda da nossa família. O que eu ganho mal dá pro mercado. — Considerando, claro, que eu ainda tivesse um emprego até o fim daquela noite, coisa que parecia pouco provável, já que eu tinha dado uma espiada no que estava acontecendo no salão e avistado a carranca enrubescida do meu patrão ainda tentando se desculpar com o cliente do pesto.

— Tá. Tá bem — resmungou minha irmã. — Já tirei a saia e tô indo colocar de volta na arara. A saia mais perfeita do mundo não vai pra casa comigo. — Ouvi o tilintar do cabide contra o metal. — Adeus, saia. Um dia eu volto pra te buscar. Não se esqueça de mim. Não vou esquecer de você. Adeus, sainha linda... Pronto, saí da loja. É isso que você queria? Feliz agora?

— Na verdade, não, Ais — falei, magoada. — Eu queria que você pudesse ficar com ela. Mas nós não temos mais dinheiro.

Ela bufou tão alto que tive que afastar o celular da orelha.

— Desculpa, Bri. — E soou realmente arrependida. — Eu não quis parecer rancorosa. É que eu acabei de terminar um relacionamento que poderia ter sido lindo, mas que nem teve a chance de começar.

Mordi a bochecha para não rir. Aisla tinha um relacionamento bastante intenso com seu guarda-roupa. A paixão por roupas só não superava seu amor pela fotografia. E qualquer um que visse seu trabalho entenderia o motivo. Aisla era absurdamente talentosa.

— Você vai superar — brinquei. — A pobre saia é que nunca vai se recuperar.

— Bom, isso é verdade. Duvido que ela caia tão bem em qualquer outra pessoa.

Eu também. Aisla era a garota mais linda que eu conhecia. Desde o cabelo claro caindo em ondas até o meio das costas até a boca pequena e cheia, a pele clara sem sardas e os grandes olhos verdes — a única coisa que tínhamos em comum.

Não que eu me achasse feia. Minha aparência era ok: eu gostava da maneira como minhas mechas se rebelavam — nem lisas, nem enroladas —, chegando quase à cintura, das sardas que decoravam minha pele pálida, do formato ovalado do rosto. Só que, sendo constantemente classificada como “exótica” por causa do rutilismo — o nome chique da ruivice —, eu sempre me sentia uma

cacatua roxa com topete turquesa à la Elvis Presley e uma brilhosa cauda fúcsia. Ou coisa do tipo.

Ao virar o rosto em direção à porta, vi a cara furiosa de Papa Arnaldo enquadrada no visor, a caminho da cozinha. Apreensiva, tratei de me despedir de minha irmã e guardei o celular no bolso da calça.

Algumas pessoas diriam que meu nervosismo era infundado, que Papa Arnaldo era um doce de pessoa, sempre tão alegre, e ficava muito bonito quando sorria — o que, infelizmente, não acontecia com tanta frequência se eu estivesse por perto. Sobretudo se eu estivesse por perto. E eu não tinha entendido ainda por que ele gostava de ser chamado de Papa, já que não tinha filhos, mas, ei, quem sou eu para julgar as esquisitices dos outros? Já bastava ter que lidar com as minhas...

A porta preta se abriu com um supetão, as dobradiças vaivém reclamando com um rangido alto. Os olhos raivosos de Papa Arnaldo me encontraram.

Merda. Ele ia me demitir. Aquilo ainda não tinha acontecido.

Naquela semana, quero dizer. E eu tive esperança de que dessa vez conseguiria manter um emprego por mais de cinco dias.

— Por quê, menina? — Arnaldo grunhiu. — Por que você tinha que atender o sr. Salman? Por que tinha que sujar um dos maiores críticos gastronômicos do país?

Aaaaah. Isso explicava por que meu chefe me lançou um olhar do tipo “suma daqui agora ou vou te colocar dentro do processador”.

— Ninguém me avisou que ele era importante, Papa. Eu teria passado a mesa pra outra pessoa.

— Todos os meus clientes são importantes! — rebateu, bufando.

Nervosa, comecei a retorcer o avental. A calculadora e a caneta caíram do meu bolso. O olhar de Papa Arnaldo se inflamou ainda mais. Droga.

— Por quê? Por quê, Briana? — Ele esfregou a boca com raiva enquanto eu me abaixava para pegar minhas coisas do chão. — Por que você sempre faz tudo errado? Em menos de uma semana aqui você já derrubou comida em nove clientes. Nove! — Para enfatizar seu argumento, enfiou aquelas mãos imensas na minha cara e ergueu nove dedos. — Bateu a bandeja na cabeça de um senhor de oitenta anos, quebrou seis copos e um *garfo*. Como é que você foi capaz de quebrar um garfo de aço inox, pelo amor de Deus?

— Eu não tenho certeza... — E ainda bem que ele não soube do incidente com o troço de flambar, pensei com meus botões, me endireitando e jogando minhas coisas de volta ao bolsinho.

— Mas eu tenho. Você é um ímã de desastres. Esse é o motivo.

Papa Arnaldo tinha razão. Eu era mesmo um ímã de desastres. Com vinte e três anos, minha lista, além dos acidentes mencionados anteriormente pelo meu patrão, incluía:

1) Destruir duas TVs no meu primeiro dia em uma loja de eletrodomésticos.

(Tudo o que eu precisava fazer era espanar o pó da loja. As TVs estavam dispostas de costas uma para a outra. Havia uma manchinha no canto da tela de uma delas e, ao esfregar, percebi tarde demais que a televisão não estava tão firme quanto parecia e ela tombou sobre a de trás. Ambas se estatelaram no chão tão depressa quanto me mandaram para o RH.)

2) Derrubar uma sessão inteira do supermercado.

(Terceiro dia no emprego. Minha função era repor os produtos na prateleira. Eu tinha colocado o último frasco de amaciante no lugar e não percebi que um dos pés que sustentavam a prateleira simplesmente se partira. A estante tomou sobre mim. Ganhei sete pontos no antebraço e uma carta de demissão.)

3) Deixar uma moça quase careca.

(Segundo dia em um salão de beleza. Função: lavadora. Eu deveria remover os papalotes das mechas e lavar os cabelos da moça. Aparentemente usei o xampu errado, que reagiu com o produto que ela havia usado. Os fios começaram a soltar fumaça e se desprenderam da cabeça dela.)

Talvez um dia isso me rendesse alguma coisa. Quem sabe eu pudesse escrever um livro? *Minha vida e outros desastres*, por Briana Pinheiro.

Mas Papa não estava interessado em minha falta de sorte nem em meu possível romance.

— Me dê um bom motivo pra não te demitir agora mesmo. — Cruzou os braços, bufando.

— Eu sinto muito, Papa. Juro que estou me esforçando. Eu realmente preciso desse emprego. A pensão da minha família não tá indo muito bem. — No fundo do poço era outra maneira de dizer.

— Isso aqui é um restaurante, Briana. Não uma instituição filantrópica — rebateu, de pronto.

— Eu sei disso. E tudo o que eu peço é mais uma chance. Só mais uma! Prometo que vou ficar mais atenta. Juro!

Papa pressionou a ponte do nariz, grunhindo, e eu preendi o fôlego, levando as mãos ao peito, aguardando. Meus dedos se encheram de gosma verde. Eu os esfreguei na frente do avental enquanto via a impotência se assentar no rosto grave de Arnaldo e quase desmontei de alívio.

— Muito bem, Briana. Mais uma chance — ele disse, resignado. E apontou um dedo grosso para mim. — Mas um errinho, um palito que você deixar cair e eu te coloco pra fora do meu restaurante.

— Obrigada, Papa! — Tive que refrear o desejo de me ajoelhar diante dele e beijar suas mãos. — Você não vai se arrepender!

— Espero que você esteja certa, porque alguma coisa me diz que antes de o dia acabar eu vou lamentar essa decisão. — Começou a se afastar, mas parou diante do prato de massa e camarões sobre a bancada. — Por que isso ainda está aqui?

— É da minha mesa. Já vou levar. Sem derrubar nada em ninguém. — *Por favor, Deus!*

Papa apontou dois dedos ameaçadores para mim, antes de voltar à área do imenso fogão industrial — local em cuja porta havia uma placa com os dizeres “Somente pessoal autorizado”, na qual um engraçadinho rabiscou embaixo, com caneta vermelha: “exceto a cabeça de fogo”.

Rá-rá. Voltamos à quinta série. Não que isso me incomodasse hoje em dia. Cresci ouvindo piadinhas sobre meu cabelo. Na escola ninguém me chamava pelo nome. Era sempre Ferrugem, Cenourinha, Cabeça de Fósforo, Foguete, Água de Salsicha, Pica-Pau, Pomarola... Crianças podem ser muito cruéis. E colegas de trabalho também.

Ajeitando o prato sobre a bandeja e a segurando com as duas mãos, empurrei a porta preta com as costas. Assim que cheguei ao salão, com suas mesas cobertas por toalhas brancas de linho, o belo lustre de cristal lançando minúsculos halos cintilantes nas cortinas, firmei os dedos e mirei meu alvo, começando a caminhada. Desviei das mesas, cadeiras e pessoas que passavam. Era parecido com uma corrida de obstáculos, com a diferença de que eu equilibrava coisas quentes e gosmentas.

*Ok. Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso!*

O ocupante da mesa seis, um cara na casa dos trinta anos que se vestia como um adolescente, estava concentrado em seu iPad e mal notou minha chegada. Mesmo assim, coloquei um sorriso na cara e preendi a respiração a três passos dele.

*Só mais um pouquinho e...*

— Aqui está, senhor. — Acomodei o prato com muito cuidado diante dele e tive que reprimir a dancinha da vitória. Nada no chão, nada sobre a mesa, nada na cabeça ou na calça de ninguém. É! Eu estava pegando o jeito.



— Obrigado. Hã... pode me trazer mais azeite? Esse aqui acabou. — Indicou a garrafa vazia sobre a mesa.

— Claro. — Peguei o frasco e o coloquei na bandeja.

Foi então que minha falta de sorte resolveu dizer um “Ei, espere por mim!”.

Enquanto eu me virava, a garota na mesa ao lado — que discutia acaloradamente com a namorada — se levantou, gesticulando muito exaltada, e esbarrrou a mão na beirada da minha bandeja. O vidro de azeite rodopiou de forma pouco natural.

— Ah, não, ah, não, ah, não... — Tomada pela urgência, tentei equilibrá-lo e impedir que se estatelasse no chão, ou na cabeça de um dos clientes, mais provavelmente. Só que acabei esmagando a mulher na mesa de trás, que por sua vez levava o garfo à boca e o deixou cair sobre o colo. Ela começou a berrar comigo por ter sujado seu Cavalli (não que eu soubesse o que isso queria dizer) e jogou o guardanapo na minha cara.

Sobressaltada, eu me contraí e a coisa toda desandou. A garrafa de azeite saiu voando e foi se alojar feito um míssil no lustre de cristal — também conhecido como “muito caro” — acima da minha cabeça. A garrafa, alguns cristais e duas lâmpadas se estilhaçaram e eu só tive tempo de cobrir a cabeça com a bandeja para me proteger. O *plin-plic-plic* produzido pelos cacos se misturou à gritaria e aos sons de cadeiras tombando.

Fiquei encolhida até que um par de mãos gentis tocou meus ombros. Era Eloisa, a outra garçonete.

— Você se machucou? — ela quis saber.

Sacudi a cabeça, negando, uma pequena chuva de estilhaços caindo dos meus cabelos. Elô recuou.

Devagar, sob o olhar estarecido de todo o restaurante, fiquei de pé. Infelizmente, Papa Arnaldo estava ali também, analisando a bagunça com as mãos na cabeça. Então suas sobrancelhas se abaixaram, os lábios se retraíndo sobre os dentes. Moveu uma das mãos, a que segurava a colher de pau, e apontou para mim como se fosse uma lança.

— Na cozinha — rosnou. — Agora.

Conforme ele girava nos calcanhares e voltava para o coração do restaurante cuspidando fogo, alisei o avental, espanei os cacos de vidro do antebraço e dos ombros e aprumei a coluna antes de me dirigir para a cozinha de Papa Arnaldo pela última vez.



Uma hora e meia depois, eu chegava ao predinho de dois andares e fachada que um dia fora amarela, mas que agora exibia os tijolos em alguns pontos. O letreiro sobre a porta marrom tinha algumas lâmpadas queimadas e outras acesas, que iluminavam os dizeres “ensão Fió”.

A decadência era visível em cada detalhe. A Pensão Filó pertencera a vovó Filomena, e mamãe sempre sonhou em reformar o lugar, transformá-lo em algo que Aisla chamava de boho chic, seja lá o que isso significasse, mas nos últimos tempos nós mal conseguíamos pagar a conta de água.

Mesmo um tanto deteriorado, eu amava aquele lugar. Como é que nós iríamos continuar ali agora que eu tinha sido demitida? O pagamento pelos quatro dias de trabalho no Pappadore não cobria nem metade do prejuízo que eu havia causado. Claro que me prontifiquei a trabalhar de graça até sanar o dano, o que deixou Papa Arnaldo branco feito um papel. Ele me deu duas notas de cem pela jornada de quatro dias e me empurrou para fora do restaurante.

Desanimada, passei pela porta dupla meio desnivelada, que precisava urgentemente de um novo conjunto de dobradiças, procurando alguém atrás do velho balcão de cerejeira todo rabiscado. Mamãe não era muito boa em guardar papéis, e preferia entalhar os telefones importantes, recados ou lembretes em algo que não pudesse perder, como o tampo da bancada de dois metros de largura, ou a cúpula do antigo abajur sobre ele. Mas não havia ninguém ali.

Estava quase alcançando as escadas com a balastrada cheia de rococós dos anos 40 para ir até o meu quarto quando ouvi passos ecoando pelo piso de tacos de madeira. Mamãe surgiu no hall e me viu. Olhou para o relógio no pulso e suspirou.

— Ah, não! Você não pode ter perdido o emprego *de novo*, Briana! — Secou as mãos no avental amarrado na cintura.

— Explodi o lustre — contei, me sentando no terceiro degrau. A tábua rangeu.

— Meu Deus, Briana! — Ela correu até mim e tocou meu rosto com os dedos cheirando a alho. — Você se machucou?

— Só o meu orgulho. — Dei de ombros. — Não foi culpa minha, mãe. Juro. A garrafa de azeite saiu voando.

Ela se soltou ao meu lado na tábua, soprando a franja loira que lhe caía nos olhos.

— Eu sei, meu amor. — Passou um braço pelos meus ombros, me apertando contra o peito. — Não fique tão chateada. Aquela espelunca não estava à sua altura. O próximo emprego vai ser melhor. Você vai ver.

Próximo? Eu nem sabia mais a que me candidatar. Havia sido um fiasco na loja de sapatos, na locadora, na lavanderia, no salão, na loja de eletrodomésticos, no restaurante. Isso só naquele mês.

— Não entendo, mãe — falei contra a medalhinha da Virgem Maria que ela trazia no pescoço. — Parece que eu estou sempre no lugar errado e na hora errada. Sou um desastre.

Ela me beijou na testa, afagando meus cabelos.

— Não é, não, Bri. Só não anda dando sorte. E as coisas não podem ser ruins pra sempre. Sua avó sempre dizia isso.

Eu esperava que ela estivesse certa. Já estava cansada de tudo dar errado na minha vida.

— Algum novo pensionista? — Endireitei as costas e me desprendi de mãe, caso contrário acabaria caindo no choro.

Por um ínfimo instante, vislumbrei o desespero naquelas íris verdes, mas ela logo tratou de ocultá-lo, forçando um sorriso corajoso.

— Não. Continuamos apenas com a dona Lola. Mas vamos ter fé. Talvez a página no Facebook que você fez traga resultado... — Então sua voz se animou. — Tenho uma coisa que vai te alegrar. Eu pressenti que você ia precisar de um agradinho.

Enfiando a mão no bolso do avental, ela retirou de lá um estojo de crayons e o aninhou sobre minhas coxas.

— Mãe! Você não devia ter comprado isso. Estamos cortando tudo.

— Exceto os sonhos das minhas filhas. — Ela tocou meu queixo delicadamente. — E, se não posso comprar meia dúzia de lápis de cor pra minha filha, de que me adianta estar viva, ora essa!

Mas não eram lápis comuns. Eram crayons profissionais, e aquela meia dúzia custava o equivalente à nossa conta de água. Diante da nossa atual situação financeira, aquilo era um gasto e tanto.

Ouvimos passos no alto da escada e nos viramos. Aisla, estonteante em uma saia longa branca e um top curto lilás que deixava um pouco da pele da barriga à mostra, me examinou por um instante antes de gemer.

— De novo, Bri?

— Bandeja descontrolada. — Eu me encolhi.

— Senhor! Naquele restaurante fino! O Arnaldo te deu uma carta de recomendação?

— Ah, sim! — Abanei a mão. — E também me deu um lote de ações na bolsa de valores, um carro zero e dois unicórnios.

— Eu só acho que não custava nada pra ele. — Ela revirou os olhos, descendo os degraus.

Mas custava sim. Mais ou menos uns dois mil reais, pelo reparo daquele lustre.

— Não vai jantar com a gente hoje, Aisla? — Mamãe se levantou.

— Eu tenho um encontro, mãe.

Aquilo imediatamente capturou a atenção de dona Ágata Pinheiro. Não que mamãe fosse casamenteira. Longe disso. O problema era Aisla, que se apaixonava com a mesma facilidade com que eu perdia empregos. Ela dizia que não podia evitar. Tinha Vênus em escorpião, só Deus sabia o que isso significava.

— Eu conheço? — mamãe começou a interrogar. — É da faculdade? É de boa família?

— Acho que é. — Aisla nos alcançou e se acomodou no lugar antes ocupado por mamãe. — Ele faz química, tem um senso de humor ótimo. O pai é arquiteto e a mãe, dentista. Ele é um gato. E tem um irmão solteiro. — Ergueu as sobrancelhas, cutucando minha barriga com o cotovelo.

— Ah, é! Porque um namorado é exatamente o que eu preciso agora... — ironizei.

Aisla sempre me ajudava agendando entrevistas de emprego e escolhendo as roupas que eu usaria para causar boa impressão, e eu era muito grata. Mas ela também tentava marcar encontros para mim com amigos dos amigos de seus amigos. E isso era um pesadelo. Se existia algo em que eu era ainda pior do que manter um emprego, era manter um namorado.

— Não existe nada ruim o bastante que não possa piorar. É o que a vovó dizia — ela brincou.

— Isso é verdade — mamãe concordou, ajeitando uma das ondas de sua caçula. — Não volte muito tarde, Aisla. — E, se virando para mim: — Tome um banho relaxante, Briana. Vou preparar o seu prato predileto pra te animar.

— Não fica tão deprimida. — Aisla me cutucou com o ombro assim que mamãe voltou para a cozinha. — Aquela espelunca não servia pra você. E sabe de uma coisa? Estou cada vez mais convencida de que todas essas demissões têm um significado.

— Que eu não sei fazer nada direito, por exemplo?

Ela fez um gesto depreciativo com a mão. As pulseiras de contas em seu pulso reluziram.

— Além disso. Talvez seja o destino dizendo que ainda não é isso, Bri.

Lutei para não gemer. Era a cara dela dizer aquilo. Ou então que as fadinhas que regiam meu destino tinham ficado sem purpurina no potinho da sorte.

— Então não fica tão preocupada, tá? Plutão não está mais retrógrado — prosseguiu, e eu me limitei a olhar para ela, esperando que aquilo fizesse algum sentido. — Alguma coisa boa finalmente vai acontecer — explicou, um tanto impaciente. — E só mais um semestre e eu termino a faculdade de fotografia. Aí, com um pouco de sorte, vou descobrir um jeito de pagar o bacharelado na New York Film Academy. Vai começar a pipocar trabalho, nós vamos ter dinheiro e a mamãe e você não vão mais precisar trabalhar. Eu vou dar um jeito em tudo. Só preciso passar nas provas finais.

Abri um sorriso.

— Por isso você precisa se concentrar nos estudos e deixar o restante pra mim, ok? Deve ser como você disse, Ais. Eu só não descobri ainda no que eu sou boa.

— Mas eu não disse isso. — Ela brincou com uma bolinha da pulseira. — Acho que descobriu, sim. Só tem medo de ir atrás do seu sonho. Aqueles desenhos são de outro mundo, Bri.

Eu não teria usado uma expressão melhor. Meus desenhos eram mesmo de outro mundo. Um mundo que não existia fora dos meus sonhos.

— São só uns rabiscos imprecisos — me esquivei.

— Muita gente chamaria de arte. — Ela beliscou minha cintura e ficou de pé. — Tem certeza que não quer que eu marque com o irmão do Felipe? Ele não parece muito inteligente, mas é a cara do Andrew Garfield.

— Tô legal.

Cruzando os braços, ela me examinou com atenção, os olhos verdes cintilando com diversão.

— Sabe que uma hora dessas você vai ter que sair com alguém de verdade e parar de sonhar com o seu guerreiro irlandês de faz de conta, né?

— Eu não estava pensando nele. — E então compreendi o que ela tinha dito e fiquei vermelha. — E ele não é o meu guerreiro de faz de conta!

Bom, mais ou menos. Não querer sair com ninguém não tinha nada a ver com os meus sonhos, mas tinha tudo a ver com meus encontros recentes, também conhecidos por “catástrofes testemunhadas por caras legais/bonitos/gostosos que nunca mais ligam”. Desisti de vez depois do último. O rapaz tinha sido legal, me levou a um jogo de futebol e tudo ia bem até que eu decidi tomar o refrigerante. Não vi que uma abelha havia caído no meu copo e engoli. Acabei tomando uma picada na garganta e passando mal. E, quando digo passar mal, quero dizer vomitar dentro do carro que ele tinha acabado de comprar, enquanto o pobre me levava para o hospital.

Minha irmã deu risada, guinchando baixinho, o que a fez parecer um porquinho-da-índia.

— Você está sempre pensando nele, Bri. — Inesperadamente ela ficou séria, e isso devia ter me preparado para o que viria a seguir. — E tá tudo bem ter uma fantasia, desde que ela não atrapalhe a vida real.

— Ok! — Eu me levantei. — Hora da irmã chata se mandar.

— Você sabe que eu tenho razão! — gritou às minhas costas.

— Bom encontro! — Acenei, subindo os degraus.

Já no segundo andar, sorri ao passar em frente ao quarto de dona Lola e ouvir Julio Iglesias cantando no último volume. A senhora de oitenta e três anos era louca pelo espanhol tanto quanto por maquiagem.

Cheguei ao cômodo no final do corredor, que até o começo do ano anterior Aisla e eu dividíamos. Mas as roupas dela ameaçaram nos sufocar, então ela se mudou para um dos cômodos vagos, só até um hóspede aparecer. E nunca mais voltou.

Meu quarto parecia ainda mais rudimentar naquela noite, com a cama de casal, o armário sem uma das portas e uma mesa redonda fazendo as vezes de criado-mudo. Os melhores móveis estavam nos quartos para locação. A escassez de mobília parecia combinar com o restante da minha vida.

Para acalmar minha mente agitada e meu orgulho ferido, peguei o caderno de capa dura dentro da bolsa, o estojo que acabara de ganhar e me joguei na cama. O grafite começou a deslizar aleatoriamente pelo papel. Isso sempre me ajudava a pensar.

Ok, eu podia tentar um novo empréstimo, mesmo que já estivéssemos enroladas até o pescoço com a hipoteca. Mas o que iríamos fazer agora? Como pagaríamos a hipoteca se apenas um quarto estava ocupado?

Não ter formação acadêmica sempre me atrapalhava para conseguir uma colocação com um salário razoável, mas eu jamais diria isso em voz alta. Não queria magoar mamãe, que se ressentia por não ter conseguido pagar minha faculdade na época, e também não queria chatear minha irmã, que se sentia um peso por estar correndo atrás de seu sonho e de uma vida melhor.

Sem conseguir pensar em nada, parei de rabiscar e analisei o que havia desenhando. E gemi.

— Saco.

Lá estavam aqueles olhos amarelos como um topázio me observando outra vez, os malares altos, o nariz retilíneo, o furinho no queixo. O cabelo, em todos

os tons de marrom até o dourado, parecia balançar sobre os ombros generosos e nus, mas deixava a tatuagem pra lá de sexy à mostra. Um guerreiro celta em todo o seu esplendor.

Aisla estava certa. Eu não conseguia tirá-lo da cabeça nos últimos tempos. Claro que sonhar com ele quase todas as noites nos últimos cinco anos não contribuía em nada.

Eu não sabia por que isso acontecia. Não entendia por que, ao completar dezoito anos, passei a sonhar com alguém que não existia. Com um lugar que nunca visitei. E não era sempre o mesmo sonho, como uma obsessão ou coisa assim. Era mais como um seriado a que apenas eu assistia. Às vezes havia reprises, mas nunca cheguei ao episódio final. Ao menos eu achava que não.

Nesses sonhos, eu não era exatamente eu, Briana, mas uma jovem encenada até a medula.

Ok, tecnicamente estar prestes a ser despejada não era uma vida de sonhos, mas pelo menos eu não tinha que fugir de ninguém, a menos que aquele crítico gastronômico viesse atrás de mim com a conta do alfaiate... De qualquer forma, alguns desses sonhos me faziam acordar com a cara toda quente e uma estranha, porém familiar, sensação de perda. E o protagonista, um cara definitivamente gostoso e um pouquinho fora de moda, digamos... hã... uns seis ou sete séculos, não me saía da cabeça, mesmo quando eu não estava pensando nele.

Nos últimos tempos ele estava me atrapalhando um bocado. Sempre que eu tentava retratar alguma coisa, uma paisagem, um cachorro com a cara engraçada que eu tinha visto na rua, acabava me perdendo nos rabiscos e, quando examinava o resultado final, lá estava o rosto do guerreiro estampado no papel. Era irritante.

Assim como também era um aborrecimento constatar que o romance que eu vivia na minha imaginação parecia mais real que qualquer outro que eu tivesse vivido de fato.

Embora eu jamais fosse confessar em voz alta, ir para a cama havia se tornado meu momento preferido do dia. Eu ansiava por isso, voltar para o meu guerreiro irlandês. Porque, no sonho, ele sorria e eu me sentiria completa. Assim que ele aparecesse naquela noite, eu me sentiria plenamente feliz.

É. Eu sei. Eu estava apaixonada por ele.

Então, a verdade era esta: eu estava desempregada, prestes a ver minha família ser jogada na rua e apaixonada por uma fantasia. *Argh.*

*Muito bem, Briana.*

Injuriada com minha própria estupidez, fechei o caderno com um movimento brusco e fui para o banheiro. Enquanto ligava o chuveiro e esperava o velho aquecedor acordar e fazer sua parte, me peguei desejando que minha irmã estivesse certa dessa vez. Que algo bom finalmente fosse acontecer em minha vida.